

25 DEZ 1994

# O desafio da educação

O PRESIDENTE eleito Fernando Henrique Cardoso escolheu a reforma da educação como um dos desafios que pretende enfrentar, logo nos primeiros dias de governo. Para o Brasil diferente que ele quer, será certamente necessário mais que uma reforma. Será preciso uma revolução.

A REVOLUÇÃO é possível. Outros a fizeram; e com menos recursos do que o Brasil. Para não voltar ao exemplo da Coréia do Sul, que investe em educação parcela do PIB inferior à que o Brasil investe (3,8%), pode-se tomar o caso do Vietnam.

COM um PIB per capita de menos de 200 dólares anuais, o Vietnam está com padrão de educação igual ao de países com nível de renda cinco vezes superior — palavra do Banco Mundial. Vale também lembrar o programa atualmente desenvolvido nos estados do Sul do México, a região mais pobre e mais isolada do país, sem estradas e serviços dos correios. Metade do investimento global de US\$ 600 milhões está sendo aplicada no treinamento de recursos humanos e desenvolvimento institucional. Com atenção especial para as comunidades de origem indígena, em que as crianças recebem formação bilingüe — em castelhano e nas 17 línguas nativas.

NOSSA revolução tem que começar pelo ensino básico, invertendo-se a perver- sa concentração de renda de que o ensino superior tem sido agente. Temos um índice de repetência na primeira série do Primeiro Grau da rede pública que é o mais alto do mundo, se se excetuar o Haiti — entre 55% e 60%. Mas dois terços das dotações do Ministério da Educação vão para as universidades públicas de responsabilidade da União, que no entanto não recebem mais que 22% dos matriculados no ensino superior. E temos a maior taxa de analfabetismo entre as nações medianamente industrializadas — 18,9%, contra 5% na Coréia do Sul, 8,5% na Tailândia e 3,5% no Chile.

ENQUANTO perduram tais distorções, vão-se fazendo planos; ou leis, que não traduzem objetivos e estratégias políticas. Reformas de fôlego, no Brasil, só as tivemos em 1942, com a reforma Capanema; e em 1960, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

A REFORMA que o presidente eleito tenciona lançar alcançará caráter de revolução, se atacar efetivamente os pontos cruciais de nossa falência educacional: o descaso pela educação básica e a falta de definição da relação entre Governo e

universidades. São dois problemas que guardam entre si relação de causa e efeito: uma universidade pública perdulária, e de produtividade não aferida; e um ensino fundamental que é o retrato da indigência.

O UNIVERSITÁRIO custa duas vezes mais na universidade pública brasileira que na canadense; 49% mais que na alemã; e 72% que na britânica. E não é por ser um carente: seu perfil socioeconômico diz que mora em casa própria em 72% dos casos; que tem carro em 47,31%; e provém de família com renda superior a 30 salários-mínimos em 50% dos casos.

O OUTRO extremo não é carente apenas de recursos financeiros. Faltam-lhe profissionais qualificados; e onde tem faltado profissionalismo às vezes sobra corporativismo. Falta-lhe democratização, com a abertura da escola à comunidade, para que esta fiscalize a assiduidade dos docentes, o cumprimento dos currículos e a rotina pedagógica diária. Falta-lhe a inserção no universo cultural ambiente, o que acaba comprometendo os conteúdos didáticos. Só não lhe falta, de maneira geral, a moeda da barganha eleitoral — a construção de espaços ociosos, chamados salas de aula.